

239

DEFEITOS CONGÊNITOS E USO DE PLANTAS MEDICINAIS NA GRAVIDEZ: UM ESTUDO CASO-CONTROLE. *Leovegildo Pablo Tondello Martins, Letícia Grüdner, Ana Paula Boccacius, Ângela Ziegler, Ingrid Hartmann, Melissa Steigleder, Tatiana Bianchi, Viviane Ribeiro Campesato, Lavinia Schuler Faccini (orient.)* (Departamento de Genética, Instituto de Biociências, UFRGS).

A busca pela solução de vários males e doenças humanas, tornou o uso de plantas medicinais bastante difundido nos dias de hoje. Sua utilização durante a gravidez traz uma preocupação em relação aos efeitos adversos que podem colocar em risco a saúde embrio-fetal, uma vez que ainda são muito escassos os estudos epidemiológicos em humanos. Este estudo tem por objetivo estimar a frequência do uso de fitoterápicos, ansiolíticos/antidepressivos e plantas medicinais na gestação em mães de bebês portadores de defeitos congênitos maiores, comparando-a com a frequência das mães de bebês normais. Trata-se de um estudo caso-controle, de base hospitalar e multicêntrico, tendo como centros, hospitais selecionados de Porto Alegre e Pelotas. Foram considerados todos os medicamentos fitoterápicos, ansiolíticos e/ou antidepressivos de origem vegetal, bem como as plantas medicinais com ação abortiva em um total de 176 casos e 176 controles até o momento. O consumo de fitoterápicos em geral foi registrado em 88 (50%) das mães de bebês malformados e em 74 (42%) das mães dos controles. Estas frequências foram de 77 (44%) para mães de casos e de 70 (40%) das mães de controles quanto ao uso ansiolíticos e/ou antidepressivos de origem vegetal. No caso de plantas abortivas, 85 (48%) das mães de bebês malformados relataram seu uso na gravidez em comparação com apenas 53 (30%) dos controles (OR= 2,17; IC 1,37 – 3,44; p<0,001). Estes dados sugerem que o uso de plantas abortivas na gravidez está associado a um risco aumentado de defeitos congênitos maiores, quando a gestação não é perdida. (PIBIC/CNPq-UFRGS).